



Rompendo com o cis-conforto

Patricia Porchat¹

Foi com grata surpresa que recebemos 29 trabalhos dos quais 17 estão aqui apresentados a@s leitorxs. Pessoas trans, pessoas cis, psicolog@s e psicanalistas, em linguagem poética, acadêmica, trazendo depoimentos, questões teóricas, éticas, clínicas, estéticas e eróticas, esse foi o saldo de nossa chamada para o dossiê. O tema, que visava politizar a conversa entre a psicologia e a psicanálise acerca das transidentidades, partiu de meu encontro com Thamy Ayouch, um encontro entre Brasil, a França e o Marrocos, entre a psicanálise e o mundo, entre a clínica e a política. Queríamos pensar juntos sobre as transidentidades.

Logo cedo estabeleceu-se entre nós a ideia de que não se tratava de escrever e falar sobre as travestilidades e transexualidades, mas de escrever e conversar com pessoas trans sobre as transidentidades, as psicologias e as psicanálises. A mediação não seria feita por uma dita “ciência” sobre um suposto “objeto”, mas sim pela política.

Por que politizar conversas?

Porque somos testemunhas de maus tratos e malentendidos teóricos e clínicos em relação às pessoas trans. Porque, ainda, enquanto pessoas cis reconhecemos nossa insuficiência acerca da experiência de viver como pessoas trans e ser vítima de uma sociedade transfóbica.

Vale a ressalva de que, pessoalmente, nunca vivenciei um cis-conforto. O masculino, o feminino, o corpo, o desejo, as práticas, a identidade, sempre estiveram em questão. E ainda bem. Isso nos deixa mais sensível para a cis-zânia do binarismo de gêneros. Ainda assim, tenho a consciência de que não sou uma pessoa trans.

A política vem pela necessidade de conversar quando se identifica instâncias de poder, ideologias, direitos não respeitados, resistências, lutas, enfim, uma série de elementos

¹ Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual (Mestrado Profissionalizante) da UNESP/Araraquara. E-mail: patiporchat77@gmail.com

intermediando a relação entre psis (cis ou trans) e pessoas trans. Em que lugar estamos? De que lugar falamos? Ou ainda, de que lugar escutamos?

Espero que os artigos aqui apresentados deem a dimensão da importância dessa discussão, uma discussão que abrange os impasses no campo da saúde das pessoas trans, o uso de diagnósticos que ainda operam na chave da patologização, o direito à construção e modificação do corpo e a autoridade acerca da produção de um saber científico sobre as questões trans.

Boa leitura!

